



GT 37. Estudos em contextos do Sul Global: novos inimigos, novas possibilidades e a (in)sustentabilidade das perspectivas e das redes Sul-Sul

Coordenador(es):

Lívio Sansone (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Luena Nascimento Nunes Pereira (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

O campo dos estudos em outras regiões do Sul Global já faz aproximadamente 20 anos no Brasil. O momento é, pois, maduro para uma avaliação deste campo de pesquisa, que tem atraído um conjunto de pesquisadores e questões que se manifestam em projetos de pesquisa, publicações e seminários e gerado um acúmulo de reflexões sobre as várias regiões do Sul Global (África, Ásia, Caribe, América Central e Meridional), desenvolvendo novas perspectivas comparativas e transnacionais e contribuindo para a internacionalização da pós-graduação em ciências humanas. Apesar da abertura de novas oportunidades de pesquisa e redes enfrentamos novos obstáculos proporcionados pela atual era dos extremos, que identifica a perspectiva Sul-Sul com um conjunto de políticas sociais progressistas. Tal cenário torna cada vez mais premente a importância de um diálogo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar expressão na antropologia feita no Brasil. O GT tem por objetivo reunir trabalhos desenvolvidos nos contextos acima mencionados promovendo a continuidade de um diálogo qualificado sobre pesquisas antropológicas. Apesar da ênfase na pesquisa etnográfica, o GT está aberto à interdisciplinaridade, pela importância do diálogo com historiadores e outros pesquisadores nas ciências humanas. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem temáticas diversas que respondam aos inúmeros desafios da pesquisa sobre e estes contextos.

Tempo de estio: o semiárido do São Francisco e o Namibe, convergências e silêncios

Autoria: Diego Ferreira Marques (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Situados em latitude entre 8 ° e 24 ° S, o sertão semiárido do Rio São Francisco, no Nordeste brasileiro, e o deserto do Namibe, na região fronteiriça entre Angola e a Namíbia, ocupam extremos opostos, do ponto de vista de sua formação geológica, e são, no entanto, regiões profundamente próximas, quer quanto aos processos de sua constituição histórica, quer quanto às suas características sócio-ambientais. Ocupadas, majoritariamente, por uma população de baixa densidade demográfica, em que se destacam comunidades pastoris de pequenos criadores de reses ou caprinos, essas regiões impelem seus habitantes ao desenvolvimento de distintos e sofisticados modelos de resiliência, produzindo relações muito peculiares entre as pessoas e o meio desértico ou semidesértico, atravessadas pela presença de uma significativa bacia hidrográfica em seu interior. Atingidas, em meados do segundo quarto do século XX, por processos violentos de modernização, assentados em processos bastantes convergentes de dita pacificação, tais comunidades adotaram também modos de resistência que resultaram em sua estigmatização enquanto "gentes bravias", algo que impactou profundamente as histórias locais, as relações com os Estados nacionais e o aparecimento ou regulação de novos conflitos. O extenso programa de intersecções e o repertório de questões comparativas de interesse envolvendo ambas as regiões, embora não plenamente desenvolvido, foi diversas vezes enunciado, desde meados do século XIX, em esforços distintos como o da literatura e o da etnografia. Neste work, pretende-se discutir não apenas o quanto tais convergências interessam a uma ampla gama de questões contemporâneas na Antropologia social e em outros campos de saber, mas também o relevante problema do comparativismo e de suas possibilidades no estabelecimento de cooperação envolvendo



estudos regionais ou transnacionais do quadro do chamado Sul global, bem como os limites impostos pelos silenciamentos de tais proximidades, impactando tanto as tentativas de compreensão desses cenários, quanto a proficuidade mesma desse diálogo, do ponto de vista de um aproveitamento por parte das comunidades locais envolvidas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: